



O Processamento Emocional em Reclusos Masculinos: Comparação entre Psicopatas e Não Psicopatas

Daniela Ramos

UMinho | 2024



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Daniela Sofia Oliveira Ramos

O Processamento Emocional em
Reclusos Masculinos: Comparação
entre Psicopatas e Não Psicopatas

junho de 2024



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Daniela Sofia Oliveira Ramos

**O Processamento
Emocional em
Reclusos Masculinos:
Comparação entre
Psicopatas e Não
Psicopatas**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Olga Cunha e
da **Professora Doutora Sónia
Caridade**

junho de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

A conclusão desta dissertação marca o fim de uma jornada de grande aprendizagem e crescimento pessoal e académico. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e a contribuição de diversas pessoas, às quais estou profundamente grata.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer às minhas orientadoras Professoras Doutoras Olga Cunha e Sónia Caridade, pela excelente orientação que me foi dada. Obrigada por toda a disponibilidade, paciência e motivação ao longo destes meses.

Aos meus pais, que ao longo destes anos foram a minha maior motivação. Obrigada por todo o carinho, amparo e por depositarem em mim tanta confiança. Sem vocês não seria possível.

Ao Pedro, por estar lá em todos os momentos de conquista e de dúvida. Obrigada por teres aturado os meus momentos de desamparo e por acreditares em mim.

Agradeço ao meu bloquinho por todo o suporte ao longo destes anos. Obrigada por cada mensagem, cada momento e cada partilha de inseguranças. São o melhor que Braga me deu.

À Andreia e à Bessinha pela compreensão do meu desaparecimento, que mesmo depois de tanto tempo longe, estão cá para mim e a ajudarem-me a finalizar esta etapa.

À Ana Beatriz, à Marina e à Lomba que foram sem dúvida um grande apoio durante estes meses. Obrigada por todas as partilhas, risos e aventuras. Acredito que o futuro nos reserva coisas bonitas.

Agradeço à Gamelas, que ao longo deste ano foi o meu porto de abrigo. Obrigada pelo companheirismo, pelas alegrias e choros partilhados, pelas infindáveis viagens entre EP's, por cada conversa e acima de tudo por me fazeres sentir que não estava sozinha. Sem ti, tudo tinha sido muito mais difícil.

Por fim, a todos os indivíduos com quem contactei nos diferentes estabelecimentos prisionais, obrigada pela disponibilidade, alegria contagiante e partilha de histórias.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho,

Assinado por: **Daniela Sofia Oliveira Ramos**
Num. de Identificação: 30714127
Data: 2024.06.07 11:39:48+01'00'

O Processamento Emocional em Reclusos Masculinos: Comparação entre Psicopatas e Não Psicopatas

Resumo

A psicopatia pode ser caracterizada por traços como falta de empatia, manipulação e comportamento antissocial, frequentemente associada a défices no processamento emocional. Estes défices têm sido relacionados com comportamentos criminosos e violentos. Este estudo tem como principal objetivo comparar o processamento emocional de indivíduos do sexo masculino em reclusão com maior propensão para traços psicopáticos e indivíduos com menor propensão para traços psicopáticos. A amostra integrou 144 indivíduos em situação de reclusão em Portugal, com idades compreendidas entre 22 e 76 anos ($M = 39.13$, $DP = 11.03$). De forma a recolher a informação necessária utilizou-se um questionário sociodemográfico e jurídico, o SRP-SF e o EPS-25. Foram formados dois grupos cada um com 72 indivíduos tendo em conta a sua maior ou menor propensão para traços psicopáticos. Os resultados revelaram que reclusos com maior propensão para traços psicopáticos apresentavam maiores dificuldades no processamento emocional. Verificou-se ainda que indivíduos com maiores pontuações na dimensão afetiva do SRP-SF evidenciavam maiores dificuldades no processamento emocional. Os resultados deste estudo mostram-se relevantes para a identificação de estratégias mais eficazes no domínio da reabilitação e da prevenção de comportamentos em indivíduos com traços psicopáticos.

Palavras-chave: Processamento emocional; psicopatia; reclusão; traços psicopáticos.

Emotional Processing in Male Inmates: A Comparison between Psychopaths and Non-Psychopaths

Abstract

Psychopathy is characterised by a lack of empathy, manipulation and antisocial behaviour, often associated with deficits in emotional processing. These deficits have been linked to criminal and violent behaviour. The main aim of this study was to compare the emotional processing of male inmates with a higher propensity for psychopathic traits and those with a lower propensity for psychopathic traits. The sample comprised 144 individuals incarcerated in Portuguese prisons, aged between 22 and 76 ($M = 39.13$, $SD = 11.03$). In order to collect the necessary information, a sociodemographic and legal questionnaire, the SRP-SF and the EPS-25 were employed. Two groups were formed, each with 72 individuals, according to their greater or lesser propensity for psychopathic traits. The findings indicated that individuals with a higher propensity for psychopathic traits exhibited greater difficulties in emotional processing. Additionally, it was observed that those with higher scores on the affective dimension of the SRP-SF demonstrated greater difficulties in emotional processing. The results of this study have implications for the development of more effective strategies in the field of rehabilitation and behavioural prevention for individuals with psychopathic traits.

Keywords: Emotional processing; psychopathy; reclusion; psychopathic traits.

Índice

Enquadramento Teórico.....	9
O Processamento Emocional.....	9
A Psicopatia.....	10
Influência da Psicopatia no Processamento Emocional	11
Processamento Emocional em Psicopatas Vs. Não Psicopatas.....	14
Método.....	16
Participantes.....	16
Instrumentos/ Medidas	18
<i>Questionário sociodemográfico e sociojurídico</i>	18
<i>Escala de autorrelato de psicopatia – Forma breve (SRP-SF)</i>	18
<i>Escala de Processamento Emocional (EPS-25)</i>	19
Procedimento	20
Análise de Dados	20
Resultados	21
Discussão.....	26
Referências	32

Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica e jurídica dos participantes.....	17
Tabela 2 - Comparação de médias entre indivíduos com maior e menor propensão para traços psicopáticos.....	21
Tabela 3- Correlação entre as escalas SRP-SF e EPS-25 e suas dimensões.....	24
Tabela 4 - Frequências e resultados do teste Qui-Quadrado sobre associações entre características sociodemográficas e jurídicas e propensão para traços de psicopatia.....	25

Lista de abreviaturas

PCL-R - Checklist de Avaliação de Psicopatia- Revista

ToM – Teoria da Mente

BAS - Sistema de ativação comportamental

BIS – Sistema de inibição comportamental

TSR - Teoria da Sensibilidade ao Reforço de Gray

SRP-SF – Escala de autorrelato de psicopatia – Forma breve

EPS-25 – Escala de Processamento Emocional

ANT – Subescala antissocial

INT – Subescala interpessoal

AFF – Subescala afetiva

LIF – Subescala estilo de vida

DGRSP – Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

EP – Estabelecimento Prisional

Enquadramento Teórico

O Processamento Emocional

A emoção representa um papel central no funcionamento do ser humano (Pires, 2017). O estudo desta e a forma como influencia o comportamento iniciou-se em 1872 com Darwin. Este sugeriu que as emoções e a sua expressão têm funções comunicativas com o objetivo de transmitirem uma pluralidade de informações importantes para o equilíbrio e bem-estar individual e social (Almeida, 2012; Kolbe & Whishaw, 2009).

A emoção pode ser definida como um estado interno subjetivo e inato que inclui ativação fisiológica, processos cognitivos e reações comportamentais em resposta a uma situação percebida como significativa (Pires, 2017; Yamamoto et al., 2018). As emoções resultaram de diferentes pressões evolutivas e têm duas principais funções: (1) orientar o ser humano no ambiente que o rodeia através de estados fisiológicos internos, preparando-o para a ação e auxiliando no julgamento e tomada de decisão e (2) auxiliar na socialização, que resulta de um processo de regulação emocional que envolve o processamento, amplificação, gestão e atenuação das emoções geradas em função de estímulos internos e/ou ambientais (Yamamoto et al., 2018).

O processamento emocional é um dos conceitos mais relevantes deste estudo e pode ser definido como um processo que ocorre quando um estímulo emocionalmente saliente desencadeia atividade num sistema neural complexo (Newman & Lorenz, 2003). Este regula a forma como o estímulo é percebido, avaliado e interpretado a um nível inconsciente e/ou consciente, com consequências fisiológicas, psicológicas e comportamentais (Newman & Lorenz, 2003)

Este é um fenómeno complexo, formado por várias componentes como: perceção emocional, expressão emocional, compreensão emocional, regulação emocional, memória emocional e tomada de decisão emocional (Gendron et al., 2020). A perceção emocional refere-se à capacidade de reconhecer e identificar emoções em estímulos do ambiente, como expressões faciais, linguagem corporal, tom de voz e outros sinais emocionais (Gendron et al., 2020). A expressão emocional envolve a manifestação externa de emoções, incluindo expressões faciais, gestos, postura corporal, vocalização e outros comportamentos que comunicam sentimentos internos para os outros (Yamamoto et al., 2018). A compreensão emocional refere-se à capacidade de entender as próprias emoções e as emoções dos outros. Isto implica atribuir significado emocional aos estímulos percebidos e interpretar corretamente as emoções num contexto específico (Bechara et al., 2000). A regulação emocional é a capacidade de

gerir e modular as próprias emoções, recorrendo a estratégias para lidar com emoções intensas, modificar respostas emocionais inadequadas e manter um equilíbrio emocional (Helion et al., 2019). A memória emocional refere-se à capacidade de codificar, armazenar e recuperar informações emocionais (LaBar & Cabeza, 2006). Por fim, a tomada de decisão emocional envolve o processo de fazer escolhas influenciadas pelo estado emocional, uma vez que as emoções podem desempenhar um papel significativo na avaliação de opções e na escolha de comportamentos (Bechara et al., 2000).

Psicopatia

A psicopatia é outro construto de grande relevância nesta investigação, tendo a sua origem no século XIX com os trabalhos do médico francês Philippe Pinel. Nesta altura, a psicopatia era considerada uma mania sem delírio - *manie sans delire* – associada a indivíduos com comportamentos de violência impulsiva que se distinguiam de doentes psicóticos (Pinel, 1806).

Foi, no entanto, com Hervey Cleckley que a investigação sobre a psicopatia alcançou uma maior importância, particularmente com a publicação da obra “The Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality”, em 1941. A conceção de psicopatia introduzida por Cleckley afastou o conceito dos quadros da crueldade e violência, mas identificou a falta de estrutura de personalidade dos psicopatas por detrás de uma aparente e normal funcionalidade social, que os distinguia dos outros doentes mentais (Cleckley, 1941). Assim, o psicopata seria alguém que não tinha a habilidade de sentir genuinamente as emoções, manifestando um comportamento irresponsável e ausência de preocupação acerca das consequências dos seus comportamentos, para ele mesmo e para os outros (Peres, 2017).

Cleckley introduziu uma nova abordagem marcada pela procura de instrumentos confiáveis e dotados de validade no que concerne à medição da psicopatia (Hare & Neumann, 2008). Neste sentido, em 1980, com Robert Hare, o estudo do fenómeno da psicopatia encontrou um enquadramento mais estável e unânime, devido ao desenvolvimento da Checklist de Avaliação de Psicopatia (PCL), posteriormente revista (1991) e designada de PCL-R (Checklist de Avaliação de Psicopatia- Revista; Almeida, 2012; Gonçalves & Cunha, 2017).

Hare (1993) definiu a psicopatia como uma perturbação da personalidade que se caracteriza por um conjunto de comportamentos inferidos por traços de personalidade. Para este autor um psicopata é alguém que não é capaz de demonstrar uma preocupação genuína por outrem, que manipula e convence o outro da sua inocência utilizando uma sinceridade fraudulenta (Hare, 1993). Para além disto,

diferenciou as características de personalidade centrais em função de duas dimensões: a dimensão emocional/interpessoal (Fator 1) e a dimensão de desvio social (Fator 2). A primeira relaciona-se com a ausência de remorso ou culpa, ausência de empatia, encanto superficial, falta de sinceridade, egocentrismo, grandiosidade, manipulação, afetividade superficial e não serem dignos de confiança. A segunda com a procura de excitação e aventura, ausência de responsabilidade, impulsividade, controlo comportamental débil, problemas comportamentais precoces e uma conduta antissocial na vida adulta (Almeida, 2012; Gonçalves & Cunha, 2017).

Durante décadas, os teóricos postularam que a psicopatia estaria associada a défices nos circuitos emocionais do cérebro que modulam a experiência do medo, como a amígdala e o sistema paralímbico (Hare, 1965; Lykken, 1957). De forma mais específica, Cleckley (1976) verificou que os psicopatas exibiam uma maior inconsistência entre os componentes linguísticos e experienciais da emoção. Ainda no mesmo sentido, um conjunto crescente de evidências apoia a visão de que a psicopatia está associada a um processamento emocional anómalo e défices de empatia, que se apresentam como fatores de risco importantes para comportamentos criminosos e violentos (Decety et al., 2015). Conforme referido, a psicopatia está diretamente associada a características específicas que, por sua vez, poderão estar também relacionadas com alguns défices, fundamentando-se o imperativo de compreender como ocorre o processamento emocional em indivíduos psicopatas.

Influência da Psicopatia no Processamento Emocional

Numa investigação de Kosson et al. (2002) os resultados demonstraram que indivíduos psicopatas manifestam défices específicos no processamento emocional não-verbal, sobretudo ao nível do reconhecimento facial das emoções. Iria e Barbosa (2009) testaram a capacidade de participantes que cometeram crimes e que não cometeram crimes, com ou sem psicopatia, para detetar expressões faciais de medo. Os resultados mostraram que indivíduos psicopatas que cometeram crimes e que não cometeram crimes apresentaram um maior número de erros de omissão do que os participantes não psicopatas. Adicionalmente, Dolan e Fullam (2006) descobriram que o reconhecimento de expressões faciais de tristeza era nitidamente inferior nos indivíduos psicopatas comparativamente ao grupo de controlo. Além disto, estes resultados também indicaram que os psicopatas eram particularmente insensíveis às reações emocionais de outros. No mesmo sentido, Luczak e Tanas (2021) afirmaram que indivíduos psicopatas revelaram uma resposta fisiológica reduzida a estímulos relacionados com sofrimento alheio.

As mais diversas evidências revelaram, deste modo, que indivíduos psicopatas apresentam défices no processamento emocional. Várias teorias e modelos explicativos têm procurado explicar estes défices, bem como os comportamentos associados à violação das regras sociais por parte de indivíduos psicopatas e o desrespeito pelas emoções alheias.

Uma das explicações está associada à Teoria da Mente (ToM), que envolve a capacidade de fazer inferências sobre os estados mentais dos outros: os seus conhecimentos, necessidades, intenções e crenças (Premack & Woodruff, 1978). Segundo Shamay-Tsoory et al. (2010), a ToM não é um processo, compreendendo aspetos cognitivos (ToM cognitiva) e emocionais (ToM afetiva). A ToM cognitiva refere-se à capacidade de fazer inferências sobre as crenças de outras pessoas, já a ToM afetiva refere-se às inferências relacionadas com as emoções dos outros (Shamay-Tsoory et al., 2010). Foi sugerido que indivíduos psicopatas apresentam défices na ToM (Richell et al., 2003; Shamay-Tsoory & Aharon-Peretz, 2007). Segundo Richell et al. (2003) os indivíduos psicopatas apresentam dificuldades na detenção dos estados mentais dos outros, sendo menos propensos a ter empatia e, portanto, a inibir comportamentos antissociais.

Um estudo desenvolvido por Shamay-Tsoory e Aharon-Peretz (2007) verificou que indivíduos com danos no córtex pré-frontal ventromedial apresentam uma ToM afetiva prejudicada e uma ToM cognitiva intacta. Curiosamente, uma das principais áreas disfuncionais associadas à psicopatia é o córtex orbitofrontal, que é composto pelo córtex pré-frontal ventromedial (Blair et al., 2006).

Kosson et al. (2002) relataram um défice específico no reconhecimento do nojo em psicopatas adultos, enquanto Blair e Coles (2000) e Stevens et al. (2001) encontraram um défice seletivo na nomeação de rostos tristes e medrosos em crianças com tendências psicopáticas. Num estudo de Blair (2001), este argumentou que as expressões faciais tristes agem como uma resposta de submissão humana e, portanto, a capacidade de percebê-las corretamente é importante na inibição da agressão. Assim, uma vez que os indivíduos psicopatas apresentam dificuldades na identificação da tristeza, a inibição da agressão não ocorre, incitando comportamentos antissociais (Fullam & Dolan, 2006).

Neste sentido, a literatura tem vindo a proliferar, sugerindo que a psicopatia está associada a défices no processamento de informações emocionais e no reconhecimento de afetos faciais, formulando a tese de que indivíduos psicopatas apresentam défices no processamento de informações afetivas (Fullam & Dolan, 2006).

Uma outra hipótese explicativa, avançada por Dawel et al. (2012) e Marsh & Blair (2008), relaciona-se com a sobrevalorização do medo, designadamente de que traços psicopáticos estão relacionados com défices no reconhecimento do medo nos outros. Este modelo defende que se um indivíduo não experiencia medo, então pode não ser capaz de reconhecê-lo nos outros. Sem a capacidade de reconhecer essa importante sugestão social nos outros, existe uma maior probabilidade de estes indivíduos se envolverem em comportamentos de risco como a violência direcionada e tomada de decisões de risco (Thomson, 2022).

Do ponto de vista do défice emocional geral, os psicopatas são caracterizados por uma capacidade embotada de experimentar emoções em geral, o que interfere na compreensão do significado emocional dos eventos e das suas ações (Cleckley, 1941). Como tal, estas são basicamente racionais ou cognitivamente intactas, mas, por falta de profundidade emocional, as avaliações das situações são deficientes de uma forma que os torna incapazes de antecipar as consequências emocionais das ações para si ou para os outros (Brook et al., 2013). De acordo com este ponto de vista, os défices cognitivos dos psicopatas são secundários à patologia do sistema de processamento de emoções (Brook et al., 2013).

Uma das abordagens que investiga os mecanismos etiológicos subjacentes à desinibição na psicopatia é derivada da Teoria da Sensibilidade ao Reforço de Gray (Baskin-Sommers et al., 2010). O modelo de Gray é de particular interesse uma vez que as suas componentes, a inibição comportamental (BIS) e os sistemas de ativação comportamental (BAS), destacam hipóteses alternativas para o comportamento desinibido e antissocial (Newman, 1997). O sistema de inibição comportamental (BIS) inibe o comportamento quando são detetadas potenciais ameaças ou estímulos inconsistentes. Esta inibição redireciona a atenção para processar os estímulos ameaçadores ou novos (Baskin-Sommers et al., 2010). Vários investigadores têm usado o TSR (Teoria da Sensibilidade ao Reforço de Gray) como um meio para especificar mecanismos psicobiológicos para a psicopatia. Em 1980, Fowles propôs que a psicopatia poderia ser entendida como uma consequência do fraco funcionamento do BIS, contribuindo para o aumento de comportamentos impulsivos e falta de consideração pelas consequências dos atos uma vez que existe um défice na regulação das respostas a estímulos aversivos (Baskin-Sommers et al., 2010). É importante notar que estes modelos não são mutuamente exclusivos, podendo até complementarem-se. Por este motivo, o modelo de processamento emocional deficiente será o utilizado nesta investigação já que refere um défice global associado às emoções.

Processamento Emocional em Psicopatas e Não Psicopatas

A literatura que procura analisar o processamento emocional de indivíduos psicopatas e não psicopatas tem vindo a revelar um maior défice no processamento emocional associado a indivíduos psicopatas (Bagley et al., 2009; Brook & Kosson, 2013; Habel et al., 2002).

Habel et al. (2002) verificaram que, numa tarefa de distinção de rostos tristes e felizes, indivíduos psicopatas cometiam mais erros do que o grupo de controlo formado por não-psicopatas. Uma outra investigação, de Bagley et al. (2009), ao compararem indivíduos psicopatas e não psicopatas numa tarefa de reconhecimento de afeto vocal, verificou que os psicopatas tendiam a apresentar mais dificuldades na classificação das pistas semânticas da fala e apresentaram défices específicos para felicidade e tristeza nessa condição. Por fim, segundo o estudo de Brook e Kosson (2013) indivíduos psicopatas foram menos precisos do que os não psicopatas ao classificar os estados emocionais dos outros a partir de pequenos cliques de vídeo.

Contudo, existem estudos que não encontraram estas diferenças. Um exemplo é a investigação de Glass e Newman (2006), que demonstrou que indivíduos psicopatas ao serem solicitados para fazer corresponder uma expressão facial com uma emoção, não apresentaram mais dificuldade na tarefa do que o grupo de controlo formado por indivíduos não psicopatas.

Uma das explicações para a presença ou ausência de diferenças no processamento emocional de indivíduos psicopatas e não psicopatas relaciona-se com os subtipos de psicopatia. Segundo Karpman (1948), existem dois tipos de psicopatas, os primários e os secundários. Os psicopáticos primários caracterizados por apresentarem um comportamento manipulador, relações superficiais, ausência de culpa, medo e ansiedade, apresentam uma maior pontuação no fator 1 da PCL-R. Os psicopatas secundários, caracterizados por problemas emocionais associados a neuroticismo, impulsividade, agressão, reatividade emocional, apresentam maior pontuação no fator 2 da PCL-R. Neste sentido, a literatura tem vindo a corroborar o facto de indivíduos que pontuam de forma elevada no fator 1 apresentem um défice no processamento afetivo, já os que pontuam mais no fator 2 têm de forma diferenciada uma resposta emocional sensível (Pires, 2017; Zeier & Newman, 2013).

Existem também fatores de confusão que podem influenciar o processamento emocional em ambos os grupos. Segundo Marshall e Cooke (1999), o trauma na infância pode ser considerado um fator de confusão uma vez que experiências traumáticas durante a infância, como abuso físico ou emocional, podem impactar no processamento emocional em ambos os grupos, mas especialmente em

indivíduos psicopatas. O ambiente familiar é outro fator de grande importância uma vez que a qualidade deste pode desempenhar um papel significativo, já que a falta de suporte emocional ou ambientes familiares disfuncionais podem afetar negativamente o processamento emocional em ambos os grupos (Farrington & Bergström, 2006). Por fim, segundo Dahl (1998), a presença de outras condições psiquiátricas, como perturbações de ansiedade ou depressão, pode influenciar a expressão de comportamento psicopático e o processamento emocional.

Além disto, a investigação tem vindo a revelar algumas variáveis moderadoras que influenciam o processamento emocional de psicopatas e não psicopatas. Alguns exemplos são, os fatores genéticos, no sentido em que alguns indivíduos podem ter uma predisposição genética que influencia a expressão de traços psicopáticos (Hicks & Drislane, 2018); as habilidades de cognição social, como a empatia, podem moderar a forma como os indivíduos psicopatas e não psicopatas processam emoções dos outros (Hicks & Drislane, 2018); e o ambiente prisional para indivíduos com histórico criminal constitui uma variável moderadora importante, uma vez que as condições na prisão e a interação com outros reclusos podem influenciar a expressão de comportamento psicopático e o processamento emocional (Pires, 2017).

Os estudos sobre o processamento emocional em reclusos têm contribuído para um entendimento mais abrangente, revelando semelhanças com as dinâmicas emocionais observadas em contextos de não reclusão. Num de estudo de Kosson et al. (2006) verificou-se que reclusos psicopatas com perturbação de personalidade antissocial exibiram menos facilitação emocional ao tomar decisões de lexicalidade em comparação com reclusos não psicopatas com e sem perturbação de personalidade antissocial. No mesmo sentido, Hastings et al. (2008) encontraram em pessoas em situação de reclusão uma associação significativa entre a habilidade na identificação de diferentes categorias emocionais e o nível de psicopatia, sendo que a capacidade em identificar emoções era tanto pior quando maior fosse o grau de psicopatia.

Tendo em conta a revisão da literatura, é pertinente estudar o processamento emocional em reclusos do sexo masculino com maior propensão para traços psicopáticos, comparativamente a indivíduos com menor propensão, dado que as dificuldades no processamento de informações emocionais associadas à psicopatia interferem na socialização moral e aumentam o risco de comportamento antissocial (Wootton et al., 1997). Desta forma, ao analisar o processamento emocional em pessoas em situação de reclusão, que mantém a sua socialização dentro de um estabelecimento

prisional, podemos antecipar comportamentos e propor medidas e estratégias mais eficazes na área da reabilitação e prevenção do comportamento antissocial.

Este estudo tem como principal objetivo comparar o processamento emocional de indivíduos masculinos em reclusão com maior propensão para traços psicopáticos com indivíduos com menor propensão para traços psicopáticos. De forma mais específica, pretende-se também perceber se existe alguma relação entre pontuações mais elevadas na subescala afetiva do SRP-SF e maiores défices no processamento emocional.

Segundo Blair et al. (2002), indivíduos psicopatas apresentam mais dificuldades em processar demonstrações de tristeza e medo, sejam elas na modalidade visual ou auditiva. Noutro estudo, de Verona et al. (2004), com o objetivo de analisar diferenças relacionadas à psicopatia na reatividade a sons emocionais versus neutros, verificou-se que indivíduos com elevado grau de psicopatia não discriminam normalmente entre pistas não emocionais e emocionais. Estes autores concluíram ainda que os dados recolhidos sustentam a hipótese de que a psicopatia está associada não só a défices na ativação defensiva (medo), mas também à falta de resposta a sinais agradáveis. Patrick et al. (1994) confirmaram que indivíduos com características de personalidade psicopáticas mostraram reduzidas alterações fisiológicas a imagens de medo em relação a imagens neutras comparativamente a indivíduos com baixos níveis de psicopatia.

Relativamente à relação entre características afetivas da psicopatia e défices no processamento emocional, o estudo de Garofalo et al. (2018) encontrou que indivíduos que pertenciam a um subgrupo com maior desregulação emocional manifestavam mais características psicopáticas afetivas, em comparação com os outros dois subgrupos classificados com baixa e média desregulação emocional.

Assim, e tendo em conta a literatura apresentada, espera-se que indivíduos em reclusão com maior propensão para traços psicopáticos apresentem um maior défice no processamento emocional comparativamente com indivíduos em reclusão com menor propensão para traços de psicopatia. Hipotetiza-se também que pontuações mais elevadas na subescala afetiva da psicopatia estejam associadas a maiores défices no processamento emocional.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por 144 indivíduos do sexo masculino que se encontravam a cumprir pena de prisão efetiva ou preventiva em estabelecimentos prisionais no norte de

Portugal, maiores de 18 anos e considerados imputáveis. A maioria dos participantes eram portugueses ($n = 138$; 95.8%), com uma média de idades de 39.13 anos ($DP = 11.03$), variando entre os 22 e 76 anos. No que concerne às habilitações académicas, verificou-se que uma maior percentagem de indivíduos completou o 3º ciclo de estudos (34.7%), seguido do 2º ciclo (31.3%) e do ensino secundário (21.5%). A maioria dos indivíduos encontrava-se condenado (86.1%), com uma média de tempo de condenação de 96.92 meses (aproximadamente 8 anos) ($DP = 79.02$). 47.2% dos indivíduos eram reincidentes. (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica e jurídica dos participantes

Variáveis	Amostra	
	N	%
Nacionalidade		
Portuguesa	138	95.8
Portuguesa e outra	5	3.5
Outras	1	.7
Habilitações académica		
1º ciclo	8	5.6
2º ciclo	45	31.3
3º ciclo	50	34.7
Secundário	31	21.5
Ensino superior	10	6.9
Situação Jurídica		
Condenado	124	86.1
Preventivo	20	13.9
Status de reincidência		
Primário	76	52.8
Reincidente	68	47.2
Punições disciplinares		
Sem punições	83	57.6
Com punições	61	42.4
Consumos ^a		

Sem consumos	47	32.6
Com consumos	95	68.1
Álcool	3	2.1
Droga	64	44.4
Álcool e droga	28	19.4
Início dos consumos ^b		
Antes dos 12 anos	7	4.9
Entre os 12 e os 16 anos	58	40.3
Depois dos 16 anos	30	20.8

Nota. ^a Não foi possível averiguar o historial de consumos em 2 participantes, o que corresponde a uma percentagem de 1.4% de omissos; ^b Não foi possível apurar o início de consumo para 3 indivíduos correspondendo a uma percentagem de 2.1% de omissos.

Instrumentos

De forma a obter os dados necessários para esta investigação utilizou-se um questionário para reunir as informações sociodemográficas e jurídicas, a Escala de Autorrelato de Psicopatia – Forma Breve (SRP-SF) e a Escala de Processamento Emocional (EPS-25).

Questionário sociodemográfico e sociojurídico

Este questionário foi desenvolvido com o objetivo de recolher informações relativas à idade, situação jurídica atual, reincidência e antecedentes criminais para a caracterização da amostra. A recolha desta informação realizou-se através de entrevistas.

Escala de Autorrelato da Psicopatia – Forma breve (SRP-SF)

A Escala de Autorrelato da Psicopatia – Forma breve (SRP-SF) é uma medida de autorrelato que pretende avaliar a propensão de indivíduos para traços de psicopatia (Seara-Cardoso et al., 2019). Esta resultou da abreviação da Escala de Autorrelato da Psicopatia (SRP) desenvolvida por Hare, em 1980. A SRP-SF foi revista em 2016, por Paulhus e colaboradores, sendo posteriormente validado para a população portuguesa, em 2019, por Ana Seara Cardoso. O instrumento é composto por 29 itens, segue a mesma estrutura fatorial da PCL-R e avalia quatro facetas da psicopatia – interpessoal (INT), afetiva (AFF), estilo de vida (LIF) e antissocial (ANT). Cada subescala é composta por sete itens, exceto a subescala ANT que é formada por oito itens. Estes são respondidos numa escala de Likert de cinco

pontos, em que um ponto diz respeito à afirmação “discordo fortemente” e cinco pontos a “concordo plenamente” (Seara-Cardoso et al., 2019). As pontuações de cada faceta são obtidas através da soma das pontuações dos itens individuais correspondentes (Seara-Cardoso et al., 2019). A faceta INT avalia características antissociais encobertas, como mentira patológica e manipulação; a subescala AFF explora os aspetos afetivos da psicopatia, como dificuldade em sentir empatia e falta de culpa ou preocupação com os outros; a LIF averigua comportamentos impulsivos e imprudentes; já a faceta ANT explora comportamentos antissociais evidentes (Seara-Cardoso et al., 2019). A pontuação total é obtida através da soma das pontuações de cada faceta, sendo que pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados de traços de psicopatia. A SRP-SF na população portuguesa apresenta uma alta consistência interna ($\alpha = .87$) (Seara-Cardoso et al., 2019). No presente estudo, os valores de *alfa* revelaram uma boa a muito boa consistência interna variando de .64 a .81 nas subescalas e .91 para a escala total.

Escala de Processamento Emocional (EPS-25)

A Escala de Processamento Emocional (EPS-25) é uma medida de autorrelato projetada para medir estilos e défices de processamento emocional (Baker et al., 2010). Esta foi revista por Baker e colaboradores em 2009 e a sua validação para o contexto português foi realizada por Leitão e Torres em 2015. A EPS-25 apresenta uma estrutura composta por 25 itens e cinco dimensões – evitamento, supressão, controlabilidade, experiência emocional empobrecida e sinais de emoção não processada (Baker et al., 2010). Cada dimensão é composta por cinco itens e estes são respondidos segundo uma escala gradual que abrange respostas desde 0 (*discordo totalmente*) até 9 (*concordo totalmente*). A pontuação total é calculada através da soma das cotações de cada item e dividindo pelo número total de itens (Baker et al., 2010). A dimensão evitamento permite analisar o evitamento experiencial ou interno de estímulos emocionais; a supressão permite a avaliação da supressão de estados emocionais negativos e da sua expressão; a controlabilidade averigua a incapacidade de controlar emoções negativas intensas e orientadas para o exterior; a experiência emocional empobrecida possibilita a identificação de experiências emocionais empobrecidas; por fim a dimensão sinais de emoções não processadas avalia exatamente sinais de emoção não processados (Lauriola et al., 2021). No que diz respeito à consistência interna da escala, esta classifica-se como alta, apresentando um valor de *alfa* de Cronbach de .92 (Baker et al., 2010). Neste estudo, obteve-se um *alfa* para a escala total de 0.91. Calcularam-se ainda os alfas de Cronbach para as diferentes subescalas: supressão =.68, sinais de emoção não processada =.77, controlabilidade =.83, evitamento =.62 e experiência emocional empobrecida =.79.

Procedimento

Para a execução deste projeto, inicialmente, solicitou-se à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) uma autorização para a recolha de dados nos estabelecimentos prisionais (EP). Seguidamente, foi realizado um pedido para a utilização dos questionários SRP-SF (Seara-Cardoso et al., 2019) e EPS-25 (Leitão & Torres, 2015) aos respetivos autores. De igual modo, o projeto foi submetido a apreciação da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho no sentido de salvaguardar a todas as questões éticas subjacentes à investigação. Após a apreciação e autorização por parte de todas as entidades, o estudo foi divulgado nos EPs selecionados. Após a identificação dos reclusos que manifestaram interesse em colaborar no estudo, os mesmos foram contactados pela equipa de investigação para que, após explicados os objetivos do estudo, assinassem o consentimento informado, onde foi declarada a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos. Após a recolha dos consentimentos, em sessões de aproximadamente 20 minutos, procedeu-se ao preenchimento das informações sociodemográficas e jurídicas de cada participante bem como às medidas de autorrelato.

Análise de Dados

A análise de dados realizou-se com recurso ao software estatístico SPSS *Statistics* 29.0. No sentido de caracterizar a amostra realizaram-se análises descritivas das variáveis sociodemográficas e jurídicas através das médias, desvios-padrão e frequências. Por forma a testar as hipóteses de investigação, dividiu-se a amostra de 144 participantes em dois grupos, cada um com 72 participantes, tendo em conta a maior ou menor propensão dos indivíduos para traços de psicopatia. Esta categorização dos indivíduos formulou-se tendo por base as pontuações totais obtidas no SRP-SF. Neste sentido, indivíduos que obtiveram pontuações maiores ou iguais a 70, constituíram o grupo de indivíduos com maior propensão para traços de psicopatia. Já os indivíduos que pontuaram abaixo de 70 formaram o grupo com menor propensão para traços de psicopatia. Com o objetivo de averiguar se as médias do processamento emocional nos dois grupos diferiram significativamente uma da outra (hipótese 1), verificou-se o pressuposto de normalidade e, posteriormente, utilizou-se o teste de diferenças em contexto de design inter-sujeito, recorrendo-se ao teste *t* para amostras independentes (Martins, 2011). Ademais, de forma a analisar a relação entre as pontuações dos sujeitos na subescala afetiva do SRP-SF e no processamento emocional (hipótese 2), recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson (Martins, 2011). Numa análise final, averiguou-se a eventual existência de associações entre as variáveis

sociodemográficas e jurídicas e os dois grupos de indivíduos, recorrendo-se, para tal, ao teste de Qui-quadrado.

Resultados

Comparação do processamento emocional entre indivíduos com maior e menor propensão para traços psicopáticos

Como se pode observar na tabela 2, a média do processamento emocional para o grupo com maior propensão para traços psicopáticos foi de 4.86 ($DP=1.64$) e a média da pontuação do grupo com menor propensão para traços psicopáticos foi de 3.72 ($DP=1.60$). Os resultados das análises mostraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível do processamento emocional, $t(139) = 4.15$, $p < .001$, com um tamanho de efeito médio a grande, $d = .69$. Assim, o grupo com maior propensão para traços psicopáticos obteve resultados mais elevados, sendo tal indicador de maiores dificuldades ao nível do processamento emocional.

Foi ainda possível verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos nas escalas de supressão, $t(139) = 2.96$; $p = .004$, sinais de emoção não processada, $t(139) = 3.52$; $p < .001$, e controlabilidade, $t(139) = 5.68$; $p < .001$, pelo que os indivíduos com maior propensão para traços psicopáticos foram os que evidenciaram valores mais elevados, indicando maiores dificuldades ao nível da supressão de emoções, sinais de emoção não processada e controlabilidade. Estes resultados associaram-se de uma forma geral a efeitos de magnitude médios a grandes (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Comparação das médias de processamento emocional entre indivíduos com maior e menor propensão para traços psicopáticos

Escala	> PTP		< PTP		$t(139)$	p	d de Cohen
	M	DP	M	DP			
EPS-25	4.86	1.64	3.72	1.60	4.149	<.001	.69
Supressão	5.41	1.91	4.41	2.07	2.957	.004	.48
Sinais de emoção não processada	5.34	2.19	4.10	2.00	3.516	<.001	.59
Controlabilidade	4.43	2.44	2.33	1.92	5.683	<.001	.95
Evitamento	5.04	1.78	4.48	1.86	1.819	.071	.30

Expressão emocional	4.06	2.19	3.29	2.14	2.108	.037	.35
empobrecida							

Nota. “> PTP” = Maior propensão para traços psicopáticos; “<PTP” = menor propensão para traços psicopáticos

Relação entre traços psicopáticos e processamento emocional

Foi possível verificar a existência de correlações positivas de magnitudes fracas a moderadas entre o SRP-SF com o EPS- 25 total, com a dimensão supressão, a dimensão sinais de emoção não processada, a dimensão controlabilidade e a dimensão expressão emocional empobrecida (cf.Tabela 3). Neste sentido, valores mais elevados no SRP-SF total estão associados a maiores dificuldades no processamento emocional, mais especificamente ao nível da supressão, dos sinais de emoção não processada, da controlabilidade e da expressão emocional (cf. Tabela 3).

A subescala interpessoal do SRP-SF também se correlacionou de forma positiva, com magnitudes fracas a moderadas, com o EPS-25 total, com a dimensão sinais de emoção não processada, com a dimensão controlabilidade e com a dimensão expressão emocional empobrecida. Estes resultados indicam que maiores pontuações na subescala interpessoal do SRP-SF estão associadas a maiores dificuldades no processamento emocional, mais concretamente nos sinais de emoção não processada, na controlabilidade e na expressão emocional (cf. Tabela 3).

Relativamente à subescala afetiva do SRP-SF foi possível identificar correlações positivas de magnitudes moderadas com o EPS-25 total, com a dimensão sinais de emoção não processada, com a dimensão controlabilidade e com a dimensão expressão emocional empobrecida. Estes resultados indicam que maiores pontuações na subescala afetiva do SRP-SF estão associadas a maiores dificuldades no processamento emocional, mais concretamente nos sinais de emoção não processada, na controlabilidade e na expressão emocional (cf. Tabela 3).

A subescala estilo de vida do SRP-SF correlacionou-se positivamente com magnitudes fracas a moderadas com o EPS-25 total, com a dimensão supressão, com a dimensão sinais de emoção não processada, com a dimensão controlabilidade e com a dimensão expressão emocional empobrecida. Assim, pontuações mais elevadas na subescala estilo de vida do SRP-SF estão associadas a maiores dificuldades no processamento emocional total, na supressão, nos sinais de emoção não processada, na controlabilidade e na expressão emocional (cf. Tabela 3).

Por fim, verificaram-se correlações positivas de magnitude moderada entre a subescala antissocial do SRP-SF e o EPS-25 total, bem como com a dimensão controlabilidade. Estes resultados indicam que pontuações mais elevadas na subescala antissocial estão associadas a maiores dificuldades de processamento emocional principalmente ao nível da controlabilidade (cf. Tabela 3)

Tabela 3

Correlação entre o SRP-SF e suas subescalas e o EPS-25 total e suas dimensões

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. SRP-SF Total	-									
2. SRP-SF S1	.814**	-								
3. SRP-SF S2	.819**	.620**	-							
4. SRP-SF S3	.887**	.620**	.648**	-						
5. SRP-SF S4	.856**	.568**	.572**	.709**	-					
6. EPS-25 Total	.323**	.262**	.366**	.304**	.203*	-				
7. EPS-25 D1	.177*	.109	.157	.210*	.141	.727**	-			
8. EPS-25 D2	.223**	.183*	.298**	.208*	.121	.869**	.611**	-		
9. EPS-25 D3	.496**	.384**	.456**	.484**	.380**	.791**	.400**	.569**	-	
10. EPS-25 D4	.116	.112	.159	.100	.040	.763**	.432**	.629**	.491**	-
11. EPS-25 D5	.227**	.220**	.348**	.165*	.087	.846**	.492**	.672**	.630**	.570**

Nota. SRP-SF= Escala de autorrelato de psicopatia – Forma breve; EPS-25= Escala de Processamento Emocional; SRP-SF S1= Subescala interpessoal; SRP-SF S2= Subescala afetiva; SRP-SF S3= Subescala estilo de vida; SRP-SF S4= Subescala antissocial; EPS-25 D1= Dimensão supressão; EPS-25 D2= Dimensão sinais de emoção não processada; EPS-25 D3= Dimensão controlabilidade; EPS-25 D4= Dimensão evitamento; EPS-25 D5= Dimensão expressão emocional empobrecida; * $p < .05$; ** $p < .01$.

Associação entre as características sociodemográficas e jurídicas e a propensão para traços psicopáticos

Considerando a divisão da amostra segundo a propensão dos indivíduos para apresentar traços psicopáticos, foi possível verificar associações significativas entre uma maior ou menor propensão para traços psicopáticos e as características sociodemográficas e jurídicas. Uma das associações estabeleceu-se com o estatuto de reincidência, $\chi^2(1) = 9.03$, $p = .003$, com um tamanho de efeito .25, verificando-se que no grupo dos indivíduos com maior propensão para traços psicopáticos a maioria era reincidente e no grupo de indivíduos com menor propensão para traços psicopáticos a maioria era primário. Outra variável onde se verificou associação com os grupos foi as punições disciplinares, $\chi^2(1) = 12.54$, $p < .001$, com um tamanho de efeito .295, concluindo-se que no grupo de indivíduos com maior propensão para traços psicopáticos a maioria apresentava punições disciplinares, contrariamente ao grupo de indivíduos com menor propensão para traços psicopáticos em que a maioria não registava punições disciplinares. Em relação aos consumos, também se constatou uma associação significativa com os dois grupos, $\chi^2(3) = 26.54$, $p < .001$, com um tamanho de efeito .432, verificando-se que no grupo com maior propensão para traços psicopáticos a maioria dos indivíduos apresenta histórico de consumos e no grupo com menor propensão a maioria não apresenta histórico de consumos. Foi possível verificar ainda associação significativa com a idade de início de consumos e a propensão para traços psicopáticos, $\chi^2(3) = 30.11$, $p < .001$, com um tamanho de efeito .462. Deste modo, a maioria dos indivíduos do grupo com maior propensão para traços psicopáticos iniciou os consumos entre os 12 e 16 anos, contudo, grande parte dos indivíduos do grupo com menor propensão para traços psicopáticos (94.2%) iniciou os consumos entre os 12 e os 16 anos ou depois dos 16 anos (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Frequências e resultados do teste Qui-Quadrado sobre associações entre características sociodemográficas e jurídicas e propensão para traços de psicopatia.

Variáveis	> PTP	<PTP	$\chi^2 (1)$
	N (%)	N (%)	
Status de reincidência			
Primário	29 (40.3)	47 (65.3)	9.03*
Reincidente	43 (59.7)	25 (34.7)	
Punições disciplinares			

Sem punições	31 (43.1)	52 (72.2)	12.54**
Com punições	41 (56.9)	20 (27.8)	
			$\chi^2(3)$
Consumos ^a			
Sem consumos	10 (13.9)	37 (51.4)	26.54**
Com consumos	61 (84.7)	34 (47.2)	
Álcool	2 (2.8)	1 (1.4)	
Droga	37 (51.4)	27 (37.5)	
Álcool e droga	22 (30.6)	6 (8.3)	
Início dos consumos ^b			
Antes dos 12 anos	5 (8.3)	2 (5.8)	30.11**
Entre os 12 e os 16 anos	42 (68.8)	16 (47.1)	
Depois dos 16 anos	14 (22.9)	16 (47.1)	

Nota. “> PTP” = Maior propensão para traços psicopáticos; “<PTP” = menor propensão para traços psicopáticos; ^a Não foi possível averiguar o historial de consumos em 2 reclusos, o que corresponde a uma percentagem de 1.4% de omissos; * $p = .003$; ** $p < .001$

Discussão

Este estudo teve como principal objetivo comparar o processamento emocional de indivíduos do sexo masculino em reclusão com maior propensão para traços psicopáticos e indivíduos com menor propensão para traços psicopáticos. De forma mais específica pretendia-se também avaliar a existência de alguma relação entre a subescala afetiva da psicopatia e o processamento emocional.

Há várias décadas que a investigação se debruça sobre o conceito psicopatia, podendo ser caracterizado por traços como falta de empatia, manipulação e comportamentos antissociais (Hare, 1993). Um dos principais défices associados à psicopatia são as dificuldades no processamento emocional (Blair et al., 2002). Estudos demonstram ainda que estes indivíduos exibem respostas emocionais reduzidas a estímulos que evocariam empatia em indivíduos não psicopatas (Dolan & Fullam, 2006; Luczak & Tanas, 2021). Em contraste, reclusos não psicopatas, apesar de exibirem comportamentos criminosos, mantêm uma melhor capacidade de reconhecer e reagir a sinais emocionais, evidenciando maior empatia e competências sociais (Dolan & Fullam, 2006; Luczak & Tanas, 2021). Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo, torna-se pertinente investigar o processamento emocional na população reclusa portuguesa, como forma de compreender melhor os

fatores que contribuem para comportamentos criminosos e desenvolver estratégias de intervenção adequadas.

Neste estudo, verifica-se que indivíduos em reclusão com maior propensão para traços psicopáticos apresentam maiores dificuldades no processamento emocional comparativamente com indivíduos em reclusão com menor propensão para traços psicopáticos, o que se mostra congruente com a literatura (e.g., Bagley et al., 2009; Brook & Kosson, 2013; Habel et al., 2002). É possível verificar ainda que esta diferença entre os dois grupos se manifesta também nas diferentes dimensões do processamento emocional. Tal como revela a literatura e como corroborado pelos resultados obtidos em indivíduos psicopatas, estes tendem a apresentar maiores dificuldades associadas ao evitamento de estímulos, à supressão de estados emocionais negativos, bem com à sua expressão, ao controlo de emoções negativas, à experiência emocional e ao processamento de sinais de emoção (Bagley et al., 2009; Cleckley, 1941; Brook & Kosson, 2013; Fowles, 1980; Habel et al., 2002; Karpman, 1948; Newman & Kosson, 1986)

Garofalo et al. (2018) verificaram que indivíduos que pertenciam a um subgrupo com maior desregulação emocional manifestavam mais características psicopáticas afetivas, em comparação com os outros dois subgrupos classificados com baixa e média desregulação emocional. Os resultados deste estudo corroboram a segunda hipótese de investigação de que pontuações mais elevadas na subescala afetiva do SRP-SF estariam associadas a maiores défices no processamento emocional. Assim indivíduos que apresentam maiores pontuações na subescala afetiva da psicopatia, que inclui indicadores como ausência de empatia e falta de culpa ou preocupação com os outros, revelam também maiores dificuldades ao nível do processamento emocional em geral (Dolan & Fullam, 2006; Luczak & Tanas 2021; Seara Cardoso et al., 2019).

Outras correlações positivas significativas encontram-se entre as restantes subescalas da psicopatia e o processamento emocional. Verona et al. (2004) mostraram que ofensores que pontuam de forma elevada no fator 1 da psicopatia são hiporresponsivos a sons agradáveis e desagradáveis em comparação com sons neutros, mostrando menos diferenciação na condutância da pele relativamente a conteúdos emocionais. No mesmo sentido, Verona et al. (2012) também encontraram diferenças entre indivíduos que apresentaram pontuações mais elevadas para psicopatia comparativamente aos que apresentavam uma perturbação da personalidade antissocial ao nível do processamento emocional e do controlo cognitivo, equiparando esta perturbação ao fator 2 da psicopatia, pela semelhança de características. Estes sugeriram a existência de processos distintos a nível da psicopatia no que respeita

a défices emocionais quando nos reportamos ao fator 1, e excessos emocionais em virtude de falta de controlo no fator 2. Estes estudos suportam os resultados obtidos no presente estudo uma vez que pontuações mais elevadas nas dimensões afetiva e interpessoal da psicopatia estão correlacionadas com maiores dificuldades ao nível do processamento das emoções, da controlabilidade de emoções negativas e da expressão emocional. Por outro lado, pontuações mais elevadas nas subescalas estilo de vida e antissocial correlacionam-se com dificuldades ao nível da controlabilidade, da supressão de estados emocionais negativos e da expressão emocional.

Neste estudo, verificam-se ainda algumas associações entre a maior e menor predisposição para traços psicopáticos e algumas variáveis sociodemográficas e jurídicas. A literatura tem vindo a demonstrar que as características comportamentais da psicopatia estão intimamente ligadas à violência futura e que esta se apresenta como um dos quatro principais preditores de reincidência criminal (Douglas et al., 2006). Os resultados obtidos estão de acordo com estas investigações uma vez que se verificam associações entre uma maior propensão para traços de psicopatia e a reincidência criminal.

Blair et al. (2005) perceberam que indivíduos em situação de reclusão com traços psicopáticos apresentam características cognitivas, afetivas e neurológicas distintas que parecem implicar diferentes processos causais no desenvolvimento do comportamento antissocial, em comparação com os reclusos sem características psicopáticas. Neste sentido, uma outra variável que mostra ter associação com a propensão para traços de psicopatia são as punições disciplinares, sendo possível concluir que o grupo com maior propensão para traços psicopáticos apresenta uma maior percentagem de indivíduos com punições disciplinares do que o grupo com menor propensão para traços psicopáticos. Tal como defende Leistico et al. (2008), indivíduos em situação de reclusão que apresentam traços psicopáticos revelam um padrão mais grave e violento de comportamento antissocial, tanto dentro da instituição como após a sua libertação.

Uma outra variável que se mostrou associada a uma maior propensão para traços psicopáticos foram os consumos. Vários estudos realizados em contexto prisional investigaram a associação da psicopatia com a perturbação por abuso de substâncias. A conclusão tem sido uma associação significativa entre a pontuação total da psicopatia e a perturbação por abuso de substâncias (Hart & Hare, 1989; Rutherford et al., 2015; Sellbom et al., 2017; Smith & Newman, 1990). Num estudo de Hart e Hare (1989), estes concluíram que indivíduos psicopatas eram ligeiramente, embora não significativamente, mais suscetíveis de ter uma perturbação de consumo de substâncias do que os não psicopatas. Ademais, verificaram uma associação significativa entre as pontuações na PCL-R e o

consumo de substâncias. Do mesmo modo, os resultados deste estudo revelaram também uma associação entre uma maior percentagem de indivíduos com histórico de consumo de substâncias e uma maior propensão para traços psicopáticos.

Gustavson et al. (2007) revelaram que a idade de início do abuso de substâncias é uma característica crucial no padrão desenvolvimental da agressividade infantil e da psicopatia na idade adulta. Estes autores afirmaram ainda que o início do abuso de substâncias em idade precoce pode ser um fator-chave para o desenvolvimento de uma perturbação da personalidade complexa caracterizada por traços psicopáticos. Os resultados obtidos relativamente à idade de início de consumos vão ao encontro da literatura exposta uma vez que se verifica uma associação entre esta e a propensão para traços psicopáticos, sendo possível observar que mais de metade dos indivíduos com maior propensão para traços de psicopatia iniciaram os consumos entre os 12 e 16 anos.

Limitações e Recomendações

Este estudo apresenta, todavia, algumas limitações que devem ser consideradas para uma melhor contextualização dos seus resultados e implicações. Em primeiro lugar, ressalta-se o número reduzido de participantes, uma vez que a amostra definida inicialmente de 173 participantes não foi conseguida. Uma das razões para tal foi a dificuldade e resistência na colaboração dos indivíduos em meio prisional, devido ao facto de serem frequentemente alvo de investigações. Além disso, a recolha de dados focou-se apenas em estabelecimentos prisionais do norte do país, dificultando a generalização dos resultados para a população nacional. Adicionalmente, não foi possível obter algumas informações sociodemográficas e jurídicas de certos indivíduos, o que comprometeu a compreensão de algumas circunstâncias específicas dos casos analisados. Outra limitação está associada à inclusão de indivíduos em prisão preventiva na amostra, uma vez que estes podem não vir a ser condenados por um crime e, portanto, não fazerem parte da população reclusa, o que pode enviesar os resultados. O uso de questionários de autorrelato apresenta, por si só, algumas limitações. O potencial enviesamento de respostas por parte dos participantes, devido à influência da desejabilidade social ou possíveis vieses de memória, pode comprometer a validade e a fiabilidade dos dados. Além disso, a não adaptação e validação dos instrumentos para o contexto prisional pode também pôr em causa a validade e a fiabilidade dos resultados obtidos.

Para futuros estudos, várias abordagens podem ser adotadas para superar as limitações identificadas neste trabalho, melhorando assim a robustez e a generalização dos resultados. Em relação ao número reduzido de participantes, sugere-se a realização de uma recolha mais extensa e abrangente,

incluindo uma maior diversidade de estabelecimentos prisionais por todo o país. Para superar a dificuldade e resistência na colaboração dos indivíduos em meio prisional, recomenda-se a implementação de estratégias de sensibilização. Isto pode ser alcançado através do envolvimento da administração prisional e da comunicação clara dos objetivos e benefícios do estudo. Ademais, de modo a atenuar a situação exposta, a DGRSP poderia limitar ou fazer uma melhor distribuição das investigações ao longo do tempo, bem como os investigadores partilharem os dados recolhidos para outras investigações. Para mitigar o enviesamento de respostas nos questionários de autorrelato, recomenda-se a utilização de métodos complementares de recolha de dados, como entrevistas semiestruturadas. Para abordar a limitação da não adaptação e validação dos instrumentos para o contexto prisional, estudos futuros devem realizar um processo rigoroso de adaptação e validação. Implementando estas sugestões, futuros estudos poderão superar as limitações atuais, resultando em dados mais precisos e úteis, e contribuindo para a melhoria das condições prisionais.

Conclusão

Os resultados deste estudo revelam significância tanto a nível teórico quanto clínico, uma vez que apoiam as diversas teorias que sugerem que a psicopatia está associada a défices no processamento emocional. Clinicamente, os resultados indicam que indivíduos com traços psicopáticos podem ser menos responsivos a sinais emocionais, o que pode contribuir para comportamentos antissociais e criminais. As dificuldades no processamento de emoções podem resultar na falta de inibição de comportamentos agressivos, já que estes indivíduos não respondem adequadamente a sinais de sofrimento alheio. Estes aspetos devem ser tidos em consideração em contextos da justiça e reabilitação uma vez que ajudam a identificar indivíduos em possível risco de reincidência.

A nível prático, os resultados deste estudo são cruciais para informar o desenvolvimento de intervenções e estratégias de reabilitação direcionadas especificamente à melhoria do processamento emocional em populações reclusas. Intervenções que se foquem no treino de competências emocionais, como reconhecimento de expressões faciais, empatia e regulação emocional, podem ser projetadas e implementadas em contextos prisionais para ajudar os indivíduos com traços psicopáticos a desenvolver competências emocionais saudáveis e adaptativas. Estas intervenções têm o potencial de, para além de reduzir comportamentos antissociais durante o tempo de prisão, aumentar as perspetivas de sucesso após a libertação, reduzindo assim a reincidência criminal e contribuindo para uma sociedade mais segura e coesa.

Embora o estudo forneça insights valiosos, várias questões continuam por resolver. Primeiramente, a complexidade da psicopatia e suas manifestações comportamentais indicam que não se pode generalizar que todos os indivíduos com traços psicopáticos apresentem os mesmos défices emocionais. Estudos futuros são necessários para entender melhor as variações individuais e os fatores que podem mediar ou moderar esses défices. Uma sugestão passa pelo estudo destas variáveis na comunidade normativa portuguesa no sentido de identificar possíveis variáveis moderadoras ou mediadoras como, por exemplo, o contexto prisional e a existência de experiências adversas. Poderá também ser relevante o estudo deste tema recorrendo a medidas fisiológicas, como por exemplo a resposta galvânica da pele, no sentido de combater o viés associado a instrumentos de autorrelato, podendo suportar de forma mais robusta os resultados. Por fim, há um desafio em integrar esses resultados na prática clínica e no sistema de justiça de forma ética e efetiva, garantindo que os indivíduos recebam o suporte necessário sem estigmatização excessiva.

Referências

- Almeida, C. A. P. (2012). *Experiência e reconhecimento emocional na psicopatia: Estudos exploratórios*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/23429>
- Bagley, A. D., Abramowitz, C. S., & Kosson, D. S. (2009). Vocal affect recognition and psychopathy: converging findings across traditional and cluster analytic approaches to assessing the construct. *Journal of Abnormal Psychology, 118*(2), 388. <https://doi.org/10.1037/a0015372>
- Baker, R., Thomas, S., Thomas, P. W., Gower, P., Santonastaso, M., & Whittlesea, A. (2010). The Emotional Processing Scale: scale refinement and abridgement (EPS-25). *Journal of psychosomatic research, 68*(1), 83-88. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.07.007>
- Baskin-Sommers, A. R., Wallace, J. F., MacCoon, D. G., Curtin, J. J., & Newman, J. P. (2010). Clarifying the factors that undermine behavioral inhibition system functioning in psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 1*(4), 203. <https://doi.org/10.1037/a0018950>
- Bechara, A., Damasio, H., & Damasio, A. R. (2000). Emotion, decision making and the orbitofrontal cortex. *Cerebral Cortex, 10*(3), 295–307. <https://doi.org/10.1093/cercor/10.3.295>
- Blair, J., Mitchell, D., & Blair, K. (2005). *The psychopath: Emotion and the brain*. Blackwell Publishing.
- Blair, K., Marsh, A. A., Morton, J., Vythilingam, M., Jones, M., Mondillo, K., ... & Blair, J. R. (2006). Choosing the lesser of two evils, the better of two goods: specifying the roles of ventromedial prefrontal cortex and dorsal anterior cingulate in object choice. *Journal of Neuroscience, 26*(44), 11379-11386. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI>
- Blair, R. J. R., & Coles, M. (2000). Expression recognition and behavioural problems in early adolescence. *Cognitive development, 15*(4), 421-434. [https://doi.org/10.1016/S0885-2014\(01\)00039-9](https://doi.org/10.1016/S0885-2014(01)00039-9)
- Blair, R. J. R., Mitchell, D. G. V., Richell, R. A., Kelly, S., Leonard, A., Newman, C., & Scott, S. K. (2002). Turning a deaf ear to fear: Impaired recognition of vocal affect in psychopathic individuals. *Journal of Abnormal Psychology, 111*(4), 682–686. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.111.4.682>
- Blair, R. J., Colledge, E., Murray, L., & Mitchell, D. (2001). A selective impairment in the processing of sad and fearful expressions in children with psychopathic tendencies. *Journal of abnormal child psychology, 29*, 491-498. <https://doi.org/10.1023/A:1012225108281>

- Brook, M., & Kosson, D. S. (2013). Impaired cognitive empathy in criminal psychopathy: evidence from a laboratory measure of empathic accuracy. *Journal of abnormal psychology, 122*(1), 156. <https://doi.org/10.1037/a0030261>
- Brook, M., Brieman, C. L., & Kosson, D. S. (2013). Emotion processing in Psychopathy Checklist - assessed psychopathy: A review of the literature. *Clinical Psychology Review, 33*(8), 979–995. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.07.008>
- Cleckley, H. (1976). The mask of sanity 5th edn. *St. Louis, MO: Mosby, 346*.
- Dahl, A. A. (1998). Psychopathy and psychiatric comorbidity. In T. Millon, E. Simonsen, M. Birket-Smith, & R. D. Davis (Eds.), *Psychopathy: Antisocial, criminal, and violent behavior* (pp. 291–303). The Guilford Press.
- Dawel, A., O’Kearney, R., McKone, E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: Meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews, 36*(10), 2288-2304. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2012.08.006>
- Decety, J., Chen, C., Harenski, C. L., & Kiehl, K. A. (2015). Socioemotional processing of morally-laden behavior and their consequences on others in forensic psychopaths. *Human Brain Mapping, 36*(6), 2015–2026. <https://doi.org/10.1002/hbm.22752>
- Dolan, M., & Fullam, R. (2006). Face affect recognition deficits in personality disordered offenders: Association with psychopathy. *Psychological Medicine, 36*, 1563–1569. <https://doi.org/10.1017/S0033291706008634>
- Douglas, K. S., Vincent, G. M., & Edens, J. F. (2006). Risk for criminal recidivism. *Handbook of psychopathy, 533-54*.
- Farrington, D. P., & Bergström, H. (2006). Family background and psychopathy. *Handbook of psychopathy, 2*.
- Fowles, D. C. (1983). Motivation effects on heart rate and electrodermal activity: Implications for research on personality and psychopathology. *Journal of Research in Personality, 17*(1), 48-71. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(83\)90060-0](https://doi.org/10.1016/0092-6566(83)90060-0)

- Fullam, R., & Dolan, M. (2006). Emotional information processing in violent patients with schizophrenia: Association with psychopathy and symptomatology. *Psychiatry Research*, 141(1), 29–37. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2005.07.013>
- Garofalo, C., Neumann, C. S., & Velotti, P. (2018). Difficulties in emotion regulation and psychopathic traits in violent offenders. *Journal of criminal justice*, 57, 116-125. <https://doi.org/10.1016/j.icrimjus.2018.05.013>
- Gendron, M., Hoemann, K., Crittenden, A. N., Mangola, S. M., Ruark, G. A., & Barrett, L. F. (2020). Emotion Perception in Hadza Hunter-Gatherers. *Scientific Reports*, 10(1), 1–17. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-60257-2>
- Glass, S. J., & Newman, J. P. (2006). Recognition of facial affect in psychopathic offenders. *Journal of abnormal psychology*, 115(4), 815. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.115.4.815>
- Gonçalves, R. A., & Cunha, O. (2017). Escala de Psicopatia de Hare-Versão Revista (PCL-R). *Psicologia Forense-Instrumentos de Avaliação*, 25-41.
- Gustavson, C., Ståhlberg, O., Sjödin, A. K., Forsman, A., Nilsson, T., & Anckarsäter, H. (2007). Age at onset of substance abuse: a crucial covariate of psychopathic traits and aggression in adult offenders. *Psychiatry research*, 153(2), 195-198. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2006.12.020>
- Habel, U., Kühn, E., Salloum, J. B., Devos, H., & Schneider, F. (2002). Emotional processing in psychopathic personality. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 28(5), 394-400. <https://doi.org/10.1002/ab.80015>
- Hare, R. D. (1965). Temporal gradient of fear arousal in psychopaths. *Journal of Abnormal Psychology*, 70, 442-445. <https://doi.org/10.1037/h0022775>
- Hare, R. D. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. Guilford Press.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annu. Rev. Clin. Psychol.*, 4, 217-246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hart, S. D., & Hare, R. D. (1989). Discriminant validity of the Psychopathy Checklist in a forensic psychiatric population. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1, 211-218. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.1.3.211>

- Hastings, M. E., Tangney, J. P., & Stuewig, J. (2008). Psychopathy and identification of facial expressions of emotion. *Personality and individual differences*, 44(7), 1474-1483. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.01.004>
- Helion, C., Krueger, S. M., & Ochsner, K. N. (2019). Emotion regulation across the life span. *Handbook of clinical neurology*, 163, 257-280. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-804281-6.00014-8>
- Hicks, B. M., & Drislane, L. E. (2018). Variants ("subtypes") of psychopathy. *Handbook of psychopathy*, 2, 297-333.
- Iria, C., & Barbosa, F. (2009). Perception of facial expressions of fear: Comparative research with criminal and non-criminal psychopaths. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 20(1), 66-73. <https://doi.org/10.1080/14789940802214218>
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *American Journal of Psychiatry*, 104(9), 523-534.
- Kolb, B., & Whishaw, I. Q. (2009). *Fundamentals of human neuropsychology*. Macmillan.
- Kosson, D. S., Lorenz, A. R., & Newman, J. P. (2006). Effects of comorbid psychopathy on criminal offending and emotion processing in male offenders with antisocial personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 115(4), 798. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.115.4.798>
- Kosson, D. S., Suchy, Y., Mayer, A. R., & Libby, J. (2002). Facial affect recognition in criminal psychopaths. *Emotion*, 2(4), 398-411. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.2.4.398>
- LaBar, K. S., & Cabeza, R. (2006). Cognitive neuroscience of emotional memory. *Nature Reviews Neuroscience*, 7(1), 54-64. <https://doi.org/10.1038/nrn1825>
- Lauriola, M., Donati, M. A., Trentini, C., Tomai, M., Pontone, S., & Baker, R. (2021). The Structure of the Emotional Processing Scale (EPS-25). *European Journal of Psychological Assessment*. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000632>
- Leistico, A.-M. R., Salekin, R. T., DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis relating the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and Human Behavior*, 32, 28-45. <https://doi.org/10.1007/s10979-007-9096-6>
- Leitão, B., & Torres, S. (2015). EPS: student & community–Portuguese. *Emotional Processing Scale Norms Booklet–Version, 1*.

- Łuczak, E., & Tanaś, Ł. (2021). Psychopathic traits and empathy: Moral decision making and complex affect expression recognition. *Psychiatria Polska*, 55(6), 1235–1255. <https://doi.org/10.12740/pp/120939>.
- Lykken, D. T. (1963). A Study of Anxiety in the Sociopathic Personality. In H. C. Quay (Ed.), *Research in psychopathology: Selected readings* (pp. 195–205). D Van Nostrand. <https://doi.org/10.1037/11397-012>
- Marsh, A. A., & Blair, R. J. R. (2008). Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 32(3), 454-465. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2007.08.003>
- Marshall, L. A., & Cooke, D. J. (1999). The childhood experiences of psychopaths: A retrospective study of familial and societal factors. *Journal of Personality Disorders*, 13(3), 211-225. <https://doi.org/10.1521/pedi.1999.13.3.211>
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Newman, J. P. (1997). Conceptual models of the nervous system: Implications for antisocial behavior. *Handbook of antisocial behavior*, 324-335.
- Newman, J. P., & Kosson, D. S. (1986). Passive avoidance learning in psychopathic and nonpsychopathic offenders. *Journal of abnormal psychology*, 95(3), 252. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.95.3.252>
- Newman, J. P., & Lorenz, A. R. (2003). Response modulation and emotion processing: Implications for psychopathy and other dysregulatory psychopathology. *Handbook of affective sciences*, 904-929.
- Patrick, C. J., Cuthbert, B. N., & Lang, P. J. (1994). Emotion in the criminal psychopath: Fear image processing. *Journal of Abnormal Psychology*, 103(3), 523–534. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.103.3.523>
- Peres, J. H. C. (2017). *Psicopatia e o défice no processamento de expressões faciais de emoção: uma abordagem à luz do modelo triárquico da psicopatia* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/108470>.
- Pinel, P. (1983). *A Treatise on Insanity: In which are Contained the Principles of a New and More Practical Nosology of Maniacal Disorders Than Has Yet Been Offered to the Public*. Classics of Medicine Library.

- Pires, M. D. M. (2017). *Psicopatologia, Personalidade e Processamento Emocional Em Reclusos Condenados Por Homicídio Versus Grupo Sem história Criminal* [Dissertação de doutoramento, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/22158>
- Premack, D., & Woodruff, G. (1978). Does the chimpanzee have a theory of mind? *Behavioral and brain sciences*, 1(4), 515-526. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00076512>.
- Rutherford, M. J., Cacciola, J. S., & Alterman, A. I. (2015). Psychopathy and substance abuse: A bad mix. In *The clinical and forensic assessment of psychopathy* (pp. 419-432). Routledge.
- Ritchell, R. A., Mitchell, D. G., Newman, C., Leonard, A., Baron-Cohen, S., & Blair, R. J. R. (2003). Theory of mind and psychopathy: can psychopathic individuals read the 'language of the eyes? *Neuropsychologia*, 41(5), 523-526. [https://doi.org/10.1016/S0028-3932\(02\)00175-6](https://doi.org/10.1016/S0028-3932(02)00175-6).
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment*, 102(4), 457–468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Sellbom, M., Donnelly, K. M., Rock, R. C., Phillips, T. R., & Ben-Porath, Y. S. (2017). Examining gender as moderating the association between psychopathy and substance abuse. *Psychology, Crime & Law*, 23(4), 376-390. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2016.1258466>.
- Shamay-Tsoory, S. G., & Aharon-Peretz, J. (2007). Dissociable prefrontal networks for cognitive and affective theory of mind: a lesion study. *Neuropsychologia*, 45(13), 3054-3067. <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2007.05.021>.
- Shamay-Tsoory, S. G., Harari, H., Aharon-Peretz, J., & Levkovitz, Y. (2010). The role of the orbitofrontal cortex in affective theory of mind deficits in criminal offenders with psychopathic tendencies. *Cortex*, 46(5), 668–677. <https://doi.org/10.1016/j.cortex.2009.04.008>.
- Smith, S. S., & Newman, J. P. (1990). Alcohol and drug abuse/dependence disorders in psychopathic and nonpsychopathic criminal offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, 99, 430-439. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.99.4.430>.

- Stevens, D., Charman, T., & Blair, R. J. R. (2001). Recognition of emotion in facial expressions and vocal tones in children with psychopathic tendencies. *The Journal of genetic psychology*, 162(2), 201-211. <https://doi.org/10.1080/00221320109597961>
- Thomson, N. D. (2022). Psychopathy, the Four Facet Model, and Fearlessness: Testing Sympathetic and Parasympathetic Nervous System Reactivity in a Late Adolescent Sample. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 44(1), 51–63. <https://doi.org/10.1007/s10862-021-09948-2>
- Verona, E., Curtin, J. J., Patrick, C. J., Bradley, M. M., & Lang, P. J. (2004). Psychopathy and physiological response to emotionally evocative sounds. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(1), 99–108. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.1.99>
- Verona, E., Sprague, J., & Sadeh, N. (2012). Inhibitory control and negative emotional processing in psychopathy and antisocial personality disorder. *Journal of abnormal psychology*, 121(2), 498. <https://doi.org/10.1037/a0025308>
- Wootton, A. J. (1997). *Interaction and the development of mind*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519895>
- Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T. (2018). Manual de psicologia evolucionista. EDUFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26065>
- Zeier, J. D., & Newman, J. P. (2013). Feature-based attention and conflict monitoring in criminal offenders: Interactive relations of psychopathy with anxiety and externalizing. *Journal of Abnormal Psychology*, 122(3), 797–806. <https://doi.org/10.1037/a0033873>



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH)

Identificação do documento: CEICSH 132/2023

Título do projeto: *O Processamento Emocional em Reclusos Masculinos: Comparação entre Psicopatas e Não Psicopatas*

Equipa de Investigação: Daniela Sofia Oliveira Ramos (IR), Mestrado em Psicologia da Justiça, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Sónia Caridade (orientadora), Centro de Investigação em Psicologia (CIPsi), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Olga Cunha (Orientadora), Universidade Lusófona

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *O Processamento Emocional em Reclusos Masculinos: Comparação entre Psicopatas e Não Psicopatas*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

O Presidente da CEICSH

Assinado por: EMANUEL PEDRO VIANA BARBAS DE ALBUQUERQUE
Num. de identificação: 07089799
Data: 2023.11.10 17:11:46 +0000

(Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque)